



Universidade Vale do Rio Verde - UninCor

Como trabalhar a Metodologia de Ensino: Leitura da
História e Cultura Local das Cidades
Brasileiras, em sala de aula

Uma cartilha prática destinada ao 3º Ano do Ensino Médio

Mestranda: Luciana Teixeira de Souza
Orientadora: Profa. Dra. Jocysre Cristina Pereira de Souza

Três Corações, MG
2021



Ficha Catalográfica:

FICHA CATALOGRÁFICA

Elaborada pela Biblioteca da Universidade Vale do Rio Verde – UNINCOR

Souza, Luciana Teixeira de
S729c Como trabalhar a Metodologia de Ensino: leitura da história local e cultura local das
 cidades brasileiras em sala de aula / Luciana Teixeira de Souza Brito. Três Corações,
 2021.
 29 f. : il. color.

Orientadora: Dra. Jocyare Cristina Pereira de Souza.

1. Semântica histórica. 2. História local. 3. Educação básica. 4. Brasil. Lei de Diretrizes
e Bases da Educação Nacional (1996). I. Souza, Jocyare Cristina Pereira de. II.
Universidade Vale do Rio Verde – Unincor. III. Título.

CDU:801:981.51

Ola, professor!

Muito prazer! Sou o Cristalzinho! Sou um pedaço de cristal, lá da cidade de Cristais, MG. Gosto muito de saber sobre a cultura local das cidades, saber como se deu seu surgimento, sua (re)nomeação e seu processo de fundação. Adoro saber que povos ali estiveram e que povos ali estão, que culturas se instituíram e que culturas se instituem nesses municípios e que são refletidas em seu cotidiano.

E nessa busca pelo conhecimento da cultura local utilizo a Metodologia de Ensino: Leitura da Cultura e História Local, um produto educacional desenvolvido no curso de Mestrado Gestão Planejamento e Ensino da UninCor.

Um método de leitura que lê a cultura e história local, além de proporcionar aos alunos uma leitura pautada na compreensão e interpretação de um texto. Esta Metodologia se embasa na Semântica do Acontecimento de Eduardo Guimarães (2018). Nesta cartilha, voltada para os professores de História do 3º ano do Ensino Médio, vamos conhecer um pouco mais desta Metodologia que, com certeza, auxiliará bastante o trabalho de vocês no estudo da cultura local com seus educandos. Lembro que é uma Metodologia inter, multi e transdisciplinar, além de poder ser utilizada em qualquer faixa etária e disciplina desde que, sejam feitas adaptações.



Sumário:

Ficha Catalográfica	02
01 - Conhecendo a Metodologia de Ensino: Leitura da Cultura e História Local	05
02 - Entendendo o que é um DSD (Domínio Semântico de Determinação)	14
04 - Lendo a história e a cultura local da cidade de Cristais – MG	16
Referências bibliográficas	29
Anexos	30



1. Conhecendo a Metodologia de Ensino: Leitura da Cultura e História Local das Cidades Brasileiras

Metodologia de Ensino: Leitura da Cultura e História Local das Cidades Brasileiras é uma metodologia ativa de leitura que permite a participação do aluno nesta busca dinâmica pela cultura e história de sua cidade. É uma metodologia que traz os procedimentos de análise da Semântica do Acontecimento (Guimarães, 2018):

I. Designação: palavras que fazem significar, que produzem sentidos a partir de relações enunciativas. Uma palavra, uma expressão significam por estarem em um enunciado. Tomemos por exemplo, a imagem a baixo:



Fonte: https://encrypted-tbn0.gstatic.com/images?q=tbn:ANd9GcRK-mUOPMEV23ipNGPAP84bEGLsYUrxCAP_SA&usqp=CAU

A expressão americanizada, Black Friday aqui no Brasil também designa promoção, queima de estoque, economia no bolso do consumidor, dia de comprar barato.

“A designação faz parte do modo de a linguagem significar o mundo, tornando possível falar dele, tornando possível, inclusive, fazer referência às coisas.” (GUIMARÃES, 2018. P. 7)

“A designação, de alguma maneira, constitui uma relação com o real pela qual podemos falar dele. A designação é uma relação entre a linguagem e o mundo. O mundo tomado não enquanto existente, mas enquanto significação pela linguagem.” (GUIMARÃES, 2018, p. 154)

II. Enunciação: Algo que se caracteriza por ter ocorrido e ocorrido porque alguém disse (falou, escreveu, desenhou...). “A enunciação é o que ocorre quando alguém diz algo, quando um falante de uma língua diz uma sequência que é, de alguma maneira, reconhecida pelos falantes desta língua.” (GUIMARÃES, 2018, p. 14). A enunciação é um acontecimento que produz sentido e produz sentido pelo acontecimento de funcionamento da língua no espaço de enunciação, que não é um espaço físico, mas um espaço de línguas e seus falantes e que está aberto a diferentes mudanças. “O espaço de enunciação é o espaço de relações de línguas no qual elas funcionam na sua relação com falantes. Assim não há línguas sem outras línguas, e não há línguas sem falantes e vice-versa.” (GUIMARÃES, 2018, p. 23)

A língua se caracteriza como um conjunto de elementos linguísticos (sons, palavras, formas, todo tipo de expressão) que constituem suas regularidades com as quais é possível dizer algo. “A língua não é algo abstrato, é algo histórico, se apresenta pela prática humana, por ter relações que fundamentam o funcionamento desta prática cuja característica é a de produzir significações: a linguagem.” (GUIMARÃES, 2018, p. 23).

O espaço de enunciação é um espaço das línguas e seus falantes e torna-se um espaço político, no qual o agenciamento dos falantes ocorre de maneira desigual. É um espaço onde as relações entre línguas vai sendo modificada pelo fato de que os falantes de uma língua e outra língua, falam de algum modo a sua e a outra. Na história do Brasil isto pode ser observado, no domínio do país pela língua, o português tornar-se língua oficial e domina as línguas indígenas com as quais se relacionava.

III. Falante: não é uma pessoa física, é um lugar de enunciação determinado pela relação com a língua. “O falante não é uma figura empírica ou psicológica, o falante é constituído pelas línguas do espaço de enunciação e é assim uma figura linguística.” (GUIMARÃES, 2018, p. 23).

O falante não é, portanto, uma pessoa física. É uma figura linguística constituída por essa relação de línguas, que tomam os falantes, que se distribuem desigualmente para os falantes ao constituí-los. Em outras palavras, o falante não é uma pessoa, enquanto tal, um ser físico, biológico, psíquico. O falante é um “ser” de linguagem, constituído por uma relação de línguas. (GUIMARÃES, 2018, p. 25).

IV. Político: é aquele que está autorizado a dizer, representa um conflito de interesses na disputa pela palavra, ele instala o conflito no centro do dizer. O político aqui não está relacionado a algo que pertence ou está relacionada à política, o aspecto político é constitutivo do espaço de enunciação e do acontecimento do funcionamento das línguas, ou seja, a enunciação.

O político se caracteriza pela oposição entre a afirmação da igualdade em conflito com uma divisão desigual do real produzida enunciativamente pelas instituições que o organizam: organizam os lugares sociais e suas relações identificando-os (ou seja, atribuindo-lhes sentido), e recortam o mundo das coisas, significando-as. Por este conflito o real se divide e redivide, se faz incessantemente em nome do pertencimento de todos no todos. (GUIMARÃES, 2018, p. 50)

V. Cena enunciativa: é formada pelo agenciamento do falante de dizer, ela se caracteriza pela divisão que afeta o falante quando ele é agenciado a falar. A cena enunciativa é estabelecida por uma divisão dos lugares de enunciação (locutor, alocutor e enunciador) que se apresenta no acontecimento como uma projeção da relação línguas e falantes do espaço de enunciação.

“A cena enunciativa se constitui pelo agenciamento do falante a dizer. O agenciamento do falante o divide na cena em lugares de enunciação: o daquele que diz (Locutor), o lugar social de dizer (alocutor), e o lugar de dizer (enunciador).” (GUIMARÃES, 2018, p. 71-72).

Para estar no lugar de Locutor(L) é necessário estar afetado pelos lugares sociais autorizados a falar de um certo modo e em certas línguas, ou seja, para o Locutor se representar como origem do que se enuncia é preciso que ele seja agenciado por um lugar social de alocutor, por exemplo, alocutor-historiador, alocutor-professor, alocutor-jornalista e etc.

vi. Memorável: enunciações ditas em outros acontecimentos, sentido

em outro momento, pois o sentido não é estável. O dizer é um acontecimento de linguagem que traz uma historicidade própria e forma um memorável. Memorável não é a memória, mas um recorte do passado, o sentido que se faz presente no acontecimento do dizer.

Por exemplo, Cana Verde é designação para cidade e também é a designação para uma plantação. O sentido da plantação: cana verde se faz presente quando se enuncia (fala, escreve...) Cana Verde o nome da cidade, ele está significando no acontecimento do dizer e não uma memória trazida do passado.

VII. Temporalidade: se sustenta no acontecimento do dizer e não como tempo cronológico. A enunciação é um acontecimento que temporaliza, e assim produz sentido. “A diferença que constitui a especificidade do acontecimento é uma temporalidade de sentidos: um passado, um presente e um futuro. Nesta medida o acontecimento não está no tempo, o acontecimento constitui sua temporalidade.” (GUIMARÃES, 2018, p. 38)

Não se trata de pensar um acontecimento no tempo, ordenado. O acontecimento determina o que é retomado do passado, o que é presente e define o futuro. E o presente e o futuro só significam porque há um passado que os faz significar. Isto porque, o acontecimento é constituído sócio historicamente na relação entre língua, história e sujeito que enuncia.

VIII. Transversalidade: são movimentos de análise de determinado texto e consiste em contextualizar os conteúdos e resgatar a memória dos acontecimentos, interessando-se por suas origens, causas, consequências e significações. Pode ser endógena – dentro do próprio texto analisado – e exógena – fora do texto analisado.

IX. Articulação – como a palavra estabelece relação com outras palavras, não é meramente uma relação interna ao enunciado, mas uma relação de contiguidade linguística que faz do enunciado um elemento que se integra ao texto. “A articulação é um modo de relação enunciativa que dá sentido às contiguidades linguísticas, é então, uma

relação local entre elementos linguísticos que significam pela relação com os lugares de enunciação agenciados pelo acontecimento.” (GUIMARÃES, 2018, p. 80)

Por exemplo: mangueira » fruto » folhas » galhos – essas palavras predicam árvore.

x. Reescrituração – como determinado nome está reescrito no texto com outras palavras, ou seja, uma expressão pode retomar outra, pode negá-la, pode redizê-la em outros termos, marcadas por todo um acontecimento social do dizer.

A reescrituração é o modo de relação pelo qual a enunciação rediz o que já foi dito. Há reescrituração quando um elemento Y de um texto (uma palavra, uma expressão, por exemplo) retoma um outro elemento X do texto. Neste caso Y reescritura X. Este modo de relação enunciativa leva a interpretar uma forma diferente de si. O elemento que reescritura atribui (predica) sentido ao reescriturado. Uma característica fundamental da reescrituração é que ela não se caracteriza pelas relações segmentais, ou de contiguidade, própria dos modos de relação por articulação. (GUIMARÃES, 2018, p.85)

Tomemos um exemplo prático de reescrituração: homem bonito, na época da minha mãe era um pão, na minha época um gato, na época da minha filha, nos dias atuais, é um crush. Todos esses dizeres reescrituram homem bonito e não tem uma relação de proximidade linguística com a expressão homem bonito.

Para saber mais sobre a Semântica do Acontecimento e seus procedimentos de análise deixamos alguns links das webinares que trazem o tema explicado de uma maneira melhor.

<https://www.youtube.com/watch?v=iQrYN7rYpel&t=33s>

<https://www.youtube.com/watch?v=zxiRA9I-K1k&t=24s>

<https://www.youtube.com/watch?v=ubo4qyhZSVY>

<https://www.youtube.com/watch?v=yS2qwt9-9dl&t=27s>

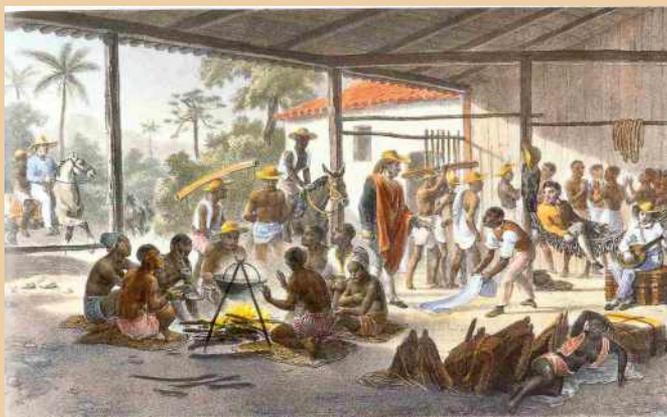
A Metodologia de Ensino: Leitura da Cultura e História Local das Cidades Brasileiras surgiu exatamente da necessidade de desenvolver nos alunos uma leitura dinâmica, buscando os sentidos dos textos muito além daqueles trazidos em dicionários, pela gramática e decodificação de símbolos linguísticos, estáticos e referencialistas.:

Conforme Oliveira e Moreno (2019), PISA (Programa Internacional de Avaliação de Estudantes, que no Brasil, em 2018, foi

feita por 10.691 alunos de 15 anos de 638 escolas, constatou que apenas, 2% dos estudantes brasileiros atingiram o nível 5 e 6 de proficiência em leitura. Esses são estudantes que compreendem textos longos, sabem lidar com conceitos abstratos e contra-intuitivos, e diferenciam fato de opinião, enquanto, o restante dos estudantes são analfabetos funcionais, conseguindo retirar somente informações explícitas de um texto.

Outro ponto que contribuiu para a criação desta metodologia foi o fato de pouco se falar e se estudar sobre a cultura local das cidades brasileiras no ambiente escolar. Então, Metodologia de Leitura da Cultura/História Local das Cidades Brasileiras veio unir o útil ao agradável, trabalhando a leitura de uma forma ativa e compreensiva, enquanto realiza, simultaneamente, este estudo da história/cultura local (tempo e espaço), que envolvem o (re)nomear desses municípios.

Não é um método de leitura comum, mas uma leitura da cultura e da história local de determinada cidade, mostrando que povos estavam e que povos estão neste local. Que culturas foram instituídas e que culturas ainda se instituem. Que povos foram silenciados no processo de fundação/ocupação desse município. E que nomes essas culturas, esses povos determinaram e/ou determinam para este local.



Fonte: Google Image

Para construir este método de leitura foram desenvolvidos os seguintes passos:

1. Fazer uma leitura reconhecimento do texto oficial que conta o processo de fundação/ocupação da cidade, encontrado no site da prefeitura. Quando, por acaso, não houver este texto no site da prefeitura, buscar outros textos oficiais como no site do IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística), o hino da cidade, dentre outros.
2. Partir para uma leitura analítica: retomada do texto observando as transversalidades, enunciações, reescrituras, articulações.
3. Registrar e definir as designações – reescrituras dos nomes das cidades - tempo/espaço;
4. Registrar e definir as apresentações nas tabelas e gráficos das observações;
5. Migrar para outros textos buscando compreender, especificamente, sobre as relações culturais ainda presente no município que marca a presença de distintos povos;
6. Propor uma transversalidade exógena deste texto trabalhado, fazendo uma busca ativa nessa cultura local com coleta de depoimentos, entrevistas, filmagens, vídeos ou até mesmo um documentário de curta metragem, junto aos moradores, monumentos, relíquias materiais e imateriais, como formas de perpetuar toda cultura/história que envolve este lugar. É uma maneira de dar voz e vez aos silenciados pela enunciabilidade de determinada época e perceber que povos instituíram e que povos instituem esse lugar.

7. Montar os DSDs (Domínio Semântico de Determinação), gráficos que irão apresentar as ideias discutidas em transversalidade endógena e exógena.

8. Considerando os gráficos, analisar e discutir o processo designativo de reescrituras dos nomes dos municípios, seus significados e suas significações.

Esta Metodologia de Ensino: Leitura da História e Cultura Local é um material didático bem ligado à Base Nacional Comum Curricular (BNCC), pois busca o desenvolvimento não somente intelectual, mas social, físico, emocional e cultural dos educandos.

A Metodologia de Leitura da História e Cultura Local trabalha habilidades da BNCC que visam a valorização da cultura local, dentre as quais destacamos as seguintes:

*Compreender as linguagens como construção humana, histórica, social e cultural, de natureza dinâmica, reconhecendo-as e valorizando-as como formas de significação da realidade e expressão de subjetividades e identidades sociais e culturais. (BRASIL, 2018, p. 65).

* Desenvolver o senso estético para reconhecer, fruir e respeitar as diversas manifestações artísticas e culturais, das locais às mundiais, inclusive aquelas pertencentes ao patrimônio cultural da humanidade, bem como participar de práticas diversificadas, individuais e coletivas, da produção artístico-cultural, com respeito à diversidade de saberes, identidades e culturas. ((BRASIL, 2018, p.65)

* Conhecer e valorizar o patrimônio cultural, material e imaterial, de culturas diversas, em especial a brasileira, incluindo-se suas matrizes indígenas, africanas e europeias, de diferentes épocas, favorecendo a construção de vocabulário e repertório relativos às diferentes linguagens artísticas. (BRASIL, 2018, p.203)

*(EF03HI03) Identificar e comparar pontos de vista em relação a

eventos significativos do local em que vive, aspectos relacionados a condições sociais e à presença de diferentes grupos sociais e culturais, com especial destaque para as culturas africanas, indígenas e de migrantes. (BRASIL, 2018, p.411)

*(EF03HI04) Identificar os patrimônios históricos e culturais de sua cidade ou região e discutir as razões culturais, sociais e políticas para que assim sejam considerados. (BRASIL, 2018, p.411)

Esta Metodologia traz o tema transversal - a pluralidade cultural - o ser humano como agente social e produtor de cultura, presente nos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs). Mostra a importância da “valorização dessas vozes no cotidiano da escola implica pesquisas de cunho literário e também junto à comunidade, por meio de depoimentos que muitas vezes não têm registros nas escritas de nossas histórias, como relatos de descendentes de escravos, indígenas, imigrantes, sacerdotes de diferentes cultos e religiões.” (BRASIL, 1998, p. 156). Assim, trazer essa memória constitutiva das tradições e costumes de determinada cidade é uma maneira de conhecer essa cultura local e, ao mesmo tempo, permitir que a aprendizagem aconteça de forma compartilhada e participativa entre escola e comunidade.

A Metodologia de Ensino: Leitura da Cultura e História Local é bem ligada aos direitos humanos. Destacamos o artigo 2º Declaração Universal dos Direitos Humanos “Todos os seres humanos podem invocar os direitos e as liberdades proclamados na presente Declaração, sem distinção alguma, nomeadamente de raça, de cor, de sexo, de língua, de religião, de opinião política ou outra, de origem nacional ou social, de fortuna, de nascimento ou de qualquer outra situação. Além disso, não será feita nenhuma distinção fundada no estatuto político, jurídico ou internacional do país ou do território da naturalidade da pessoa, seja esse país ou território independente, sob tutela, autônomo ou sujeito a alguma limitação de soberania.” Esse artigo nos mostra o paradoxo existente entre o surgimento das cidades e o direito de ser humano que não era levado em conta neste processo de ocupação/

/exploração das mesmas. E desta forma, até hoje, essa exploração/escravidão, é refletida nas culturas e povos silenciados nas histórias contadas de fundação dessas cidades, por isso torna-se importante essa busca ativa à cultura local.

A Metodologia de Ensino: Leitura da Cultura e História Local busca propiciar um ambiente na sala de aula, baseado em relações de aceitação, de respeito, de valorização das diferenças. Além, de identificar a diversidade cultural presente na localidade do aluno, em termos sociais, étnico-culturais e de procedência regional, oriundos da forma de fundação desse município, que povos ali estiveram/estão, que culturas se instituíram /se instituem.

2. Entendendo o que é um DSD (Domínio Semântico de Determinação)

O DSD (Domínio Semântico de Determinação), doravante DSD, é um método eficaz de leitura, proposto pela teoria enunciativa, uma vez que emprega uma relação de um texto com outros textos - textos escritos, depoimentos, filmagens, gravuras - de uma forma simples e sucinta. Como, há os gráficos matemáticos que vem para facilitar a leitura e a compreensão de um assunto, o DSD é um gráfico linguístico, composto por sinais, capaz de provocar uma leitura eficiente e coerente de determinado texto.

Em uma análise de DSD, são as relações que constituem o sentido de uma palavra, ou seja, suas determinações e estas são apresentadas por uma escrita específica, constituída de sinais: \vdash ou \dashv ou \perp ou \top (que significam determina; por exemplo, $y \vdash x$ significa x determina y, ou $x \dashv y$ significa igualmente x determina y); \equiv que significa sinonímia; e um traço como $\rule{1cm}{0.4pt}$, dividindo um domínio, significa antonímia. (GUIMARÃES, 2007, p. 81).

Para construção de um DSD é necessário muita conversação com outros textos para que haja um entendimento do contexto que aquele texto nos mostra.

Ele muito nos auxilia para o entendimento do processo de ocupação, exploração e fundação das cidades brasileiras mineiras, visto que nos permite enxergar profundamente as circunstâncias que existem mediante o surgimento de um povoado, uma vila ou uma cidade.

Para começar o entendimento e a construção de um DSD, pode-se partir do nome do próprio aluno. Afinal, todos nós temos uma história que envolve o porquê do nosso nome.

A seguir vou colocar o exemplo de um DSD com do nome: Luciana. Para isso utilizamos 3 recortes, buscados em formas textuais diversas:

- Recorte 1(R1): minha certidão de nascimento

R1

Certidão de nascimento
(mostra a filiação)

- Recorte 2 (R2): fala do pai, em uma conversa de família

R2

Fui eu que escolhi seu nome, minha filha! Sempre achei o nome de Luciana um nome bonito!

- Recorte 3(R3): significado de Luciana no dicionário de nomes:

R3

Luciana significa "de Lúcio", "pertencente a Lúcio", "da natureza do iluminado", "aluminosa", "luminosa e graciosa" ou "luminosa e cheia de graça"

Com esses recortes, construímos o DSD a seguir:

	└ José e Eva
Luciana	└ Nome escolhido pelo pai
	└ Luminosa

Lê-se: José e Eva por reescrituração determinam Luciana. Nome escolhido pelo pai determina Luciana. Luminosa determina Luciana.

Fazendo uma leitura breve do DSD, nota-se que Luciana significa filha de José e Eva, nome escolhido pelo pai e quer dizer luminosa.

Para isso, professor, você pode pedir com antecedência para que o aluno traga sua certidão de nascimento, pesquise o significado de seu nome na internet e pergunte em casa porque escolheram esse nome para ele.

Ao fazer esse procedimento ocorrerá uma transversalidade endógena (dentro do texto: certidão de nascimento) e exógena (migração para outros textos: internet, depoimento). E depois de toda essa busca pedir para cada um construir o DSD de seu nome e, se quiser, apresentar aos colegas para que haja uma maior interação.

3. Lendo a cultura e a história local da cidade de Cristais – MG



Após este processo de entendimento e funcionamento do DSD, vamos ao estudo da cidade, pois antes de conhecer o mundo é primordial que o aluno conheça sua cidade: a origem do seu nome, sua fundação, sua história, porque ali estão suas raízes, seus alicerces, sua vida...

Tomamos para estudo como cidade piloto, a cidade do Cristalzinho, Cristais, localizada em Minas Gerais. Nosso objetivo neste estudo é conhecer o processo de ocupação/fundação deste município e descobrir que povos ali estiveram/estão e que culturas ali se instituíram/instituem e como se refletem no cotidiano dos cristalenses. Para isso nos apoiamos na Metodologia de Ensino: Leitura da Cultura e História Local, que parte da leitura do texto oficial do site da prefeitura sobre sua origem e fundação. Quando o município não possui este texto oficial, pode-se tomar por base o hino ou textos do IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística).

1º passo: *a história oficial do município, tal qual se encontra no site da prefeitura:*

<https://www.cristais.mg.gov.br/portal/servicos/1005/historia-do-municipio/>.

*Capela construída sob invocação de **Nossa Senhora da Ajuda**, datada da década de 1790. Obteve emancipação política só em 1946, até então esteve atrelada ao município de Campo Belo. **Principais famílias** que estiveram de alguma forma ligadas a história de Cristais: Valladão, Maia, Pinheiro, dos Reis, Ferreira, Fidelis Pinto e Pires de Moraes.*

*Fugindo à constante perseguição dos bandeirantes, os índios **Cataguases** se refugiaram nesta região, até que por volta de 1676, Lourenço Castanho Jacques, liquidou por completo aquela **feroz** tribo indígena.*

Certamente, a partir dessa época, teve início o desbravamento e povoação do território do município.

*A princípio os primeiros habitantes foram atraídos pelo **crystal** de rocha (quartzo hialino), que existia em abundância na região, sendo essa a origem do topônimo do município: CRISTAIS.*

Posteriormente, devido à exaustão das jazidas, dificultando a extração domineral, passaram os habitantes a se dedicarem à **agricultura** e a **pecuária**, que se tornaram os principais fatores de desenvolvimento do território.

Não há documento conhecido que esclareça quais foram as primeiras pessoas a se fixarem no local, porém admite a tradição, que foram **Romão Fagundes** e um senhor, lembrado apenas pelo nome de Peixoto, isso entre 1780 e 1800.

Admite-se, também, tenha sido uma capela dedicada à Nossa Senhora da Ajuda, a primeira edificação no local (em alvenaria). Nessa capela, que é hoje a Matriz Paroquial, uma pia batismal, com a data de 1806 inscrita em seu pedestal, dá uma marco no tempo da construção, possivelmente por volta de 1800.

Em decorrência da intensa extração de cristal, o povoado da Capela de Nossa Senhora da Ajuda, rapidamente desenvolveu, pois já em 07 de setembro de 1880, era criado o distrito de Nossa Senhora da Ajuda de Cristais, como parte do município de Tamanduá (hoje, Itapeçerica).

Em fins de 1881 o distrito passou a pertencer ao município de Campo Belo. Criado o município de Cristais, em 1948, sua instalação ocorreu no dia 1º de janeiro de 1949.

Denomina-se **Cristalense** os naturais do município.

2º passo: Realizar uma leitura analítica do texto, pedindo para que os alunos marquem as reescrituras, articulações, enunciações que identificarem no texto. No nosso caso, já colocamos destacados no texto por se tratar de uma explicação.

3º e 4º passos: Registrar e definir as designações (palavras que fazem significar) e colocar em uma tabela. Professor, neste momento, pode colocá-los em grupos, para que compartilhem as designações que cada um encontrou. Aqui é o momento de investigar os alunos sobre as palavras que aparecem no texto, reescrevendo outros sentidos.

Cristalzinho já nos ajudou a preencher esta tabela, mas você, professor pode ir auxiliando os grupos nesta descoberta e preenchimentos das designações encontradas.

Designações	Reescrituras
Capela	Religião católica
Nossa Senhora da Ajuda	Devoção portuguesa, domínio
Principais famílias	Povoamento
Cataguases	Índios, não eram considerados primeiros habitantes
Feroz	Característica de bicho
Cristal	Exploração, povoamento
Romão Fagundes	Primeiros habitantes
Agricultura/pecuária	Nova riqueza
Cristalense	Cidadania

5º passo: Migrar para outros textos buscando compreender, especificamente, sobre as relações culturais ainda presente no município que marcam a presença de outros povos, além dos citados no texto oficial.

Como Cristalzinho adora pesquisar sobre os povos que ali estiveram e ali estão, que culturas se instituíram e se instituem, já separou alguns outros textos para nós:

*Texto do site da Câmara de Vereadores do Município sobre a história de fundação da cidade:

<<http://camaracristais.mg.gov.br/?p=9420>>

*Brasil – 500 anos de povoamento:

<<https://brasil500anos.ibge.gov.br/territorio-brasileiro-e-povoamento/construcao-do-territorio.html>>

*Mapa: Indígenas Mineiros: JOSÉ, Oiliam. Indígenas de Minas Gerais: Aspectos sociais, políticos e etnológicos. Belo Horizonte, 1965.

*Língua indígena: SAMPAIO, Teodoro. O tupi na Geografia Nacional. 5ª edição. São Paulo: Editora Nacional: Brasília, 1987. PDF: Disponível em: <<https://bdor.sibi.ufrj.br/bitstream/doc/429/1/380%20PDF%20-%20OCR%20-%20RED.pdf>>

*Dois Quilombos do Ambrósio. Um em Cristais-MG outro em Ibiá-MG: < <https://www.mgquilombo.com.br/imagens-quilombolas/quipaca-ou-paiol-do-quilombo-do-ambrosio-ibiamg/>>

*Um rei em Arcos: <https://www.arcosnoticias.com.br/noticia/2220/um-rei-em-arcos>>

*Rei Ambrósio de Minas Gerais e o ofuscamento da história e da memória de um líder quilombola: BRASILEIRO, Jeremias. Temporalidades – Revista de História, ISSN 1984-6150, Edição 25, V. 9, N. 3 (set./dez. 2017) 5.

*Origem dos sobrenomes das famílias da cidade:

< <https://www.origemdosobrenome.com.br/familia>>

<<https://www.dicionariodenomesproprios.com.br/>>

<<https://super.abril.com.br/especiais/a-origem-dos-50-sobrenomes-mais-comuns-do-brasil/>>

*Cartaz: Programação da festa típica da cidade:

<<https://www.cristais.mg.gov.br/fotos/90729febe16ec9f391316ecd8596dde5.jpg>>

Professor você pode deixar os alunos fazerem essa busca ou se preferir, pode trazer estes textos pré-selecionados de casa.

6º passo: Falar sobre a criação de um vídeo documentário sobre a cidade em que vivem.

*Explicar, definir o que vem a ser um documentário:

Documentário: um gênero do cinema que tem como objetivo a apresentação de uma visão da realidade por meio da tela. Para isso, esse gênero utiliza-se de arquivos históricos, imagens, entrevistas com pessoas envolvidas e outros recursos, permitindo que ele seja construído ao longo do processo de sua produção e somente seja finalizado com a edição. (disponível em

<https://www.portugues.com.br/redacao/documentario.html> Acesso em 04/12/2020)

* Levar algum documentário para eles assistirem e terem a noção ou relembrem o formato deste.

* Indicar sites que ajudem a criar um documentário:

<https://pt.wikihow.com/Fazer-um-Document%C3%A1rio-de-Curta-Metragem>.

<https://www.olivetreefilmes.com.br/blog/como-criar-videos-profissionais-com-o-seu-celular/>

<https://www.youtube.com/watch?v=g-wdDNxe4nA>

* Pedir para criarem um documentário sobre a cidade, utilizando o próprio celular com os aplicativos que possuem. Esse trabalho pode ser feito com os grupos montados anteriormente, porque um vai auxiliando o outro nas filmagens, nas falas, nos lugares a serem buscados.

* Sugerir alguns aplicativos que podem baixar no celular para realização do vídeo documentário: InShot, iMovie, Likee, Filmr, GoPro App, KineMaster, Splice.

* Estabelecer as etapas para criação deste documentário, como forma de auxiliá-los neste trabalho, mas deixando-os livres caso queiram alterar alguma coisa, pois a autonomia e a decisão do grupo são muito importantes neste momento.

Etapas para criação do documentário:

a) Cada grupo escolher seu líder, o roteirista, câmera de acordo com as aptidões de cada membro.

b) Escrever os locais, pessoas, horário para a realização dessa coleta de imagens e depoimentos.

c) Montar um esquema do que querem saber, as perguntas aos entrevistados sobre a (re)nomeação da cidade, dos povos que passaram por ali e que povos ali estão, as culturas que se instituem na cidade e por que.

d) Criar um cronograma para desenvolver as ações in loco das filmagens.

e) Assistir a todas essas coletas de imagens e depoimentos antes de começar editar, para que cada membro do grupo veja e aponte as alterações a serem feitas.

f) Editar o documentário usando os recursos que dispõem no celular, podendo colocar trilha sonora, planos de fundo, porém sem modificar

as informações coletadas.

Professor, aqui é interessante você combinar com eles uma data para a entrega do documentário pronto. Lembre-se que esta parte é um pouco demorada, pois envolve edição, talvez vão precisar um tempo maior de entrega, que pode ser decidido conjuntamente.

Após todos os documentários entregues, combinar uma data para a apresentação de cada equipe, para o restante da turma.

Professor, esta apresentação pode ser um momento de recreação com sala ambiente: escura, cadeiras enfileiradas, pipoca e refrigerante para lembrar um cinema. Afinal, educação é cultura, conhecimento e diversão

É legal também sugerir à direção, em um segundo momento, apresentar esses documentários à comunidade escolar em uma reunião de pais, para que possam prestigiar o talento e a competência dos seus filhos



“Em Cristais fizemos um documentário de curta metragem para eternizar e dar voz aos cidadãos cristalenses (2021) nesta busca pelas culturas que se instituíram e se instituem em nossa cidade! Tivemos muita surpresa e muito aprendizado!”

<https://drive.google.com/file/d/110ndsjDIKqPYH1efFzVnmP5AvUQ-4CsQ/view?usp=sharing>

7º e 8º passos: Montagem e discussão dos DSDs, os gráficos linguísticos que mostram as ideias discutidas em transversalidade endógena e exógena e que são importantíssimos para o desenvolvimento de uma leitura enunciativa. E no nosso caso, eles nos auxiliam nesta descoberta de que povos ali estiveram/estão e que culturas se instituíram/instituem, na cidade do Cristalzinho.

Professor, nós construímos os DSDs e já fomos fazendo as discussões logo em seguida, por isso os passos 7º e 8º estão juntos. Se preferir, você pode auxiliar os grupos de alunos na construção dos DSDs da cidade e depois pedir para fazerem a discussão, diante de cada DSD construído.

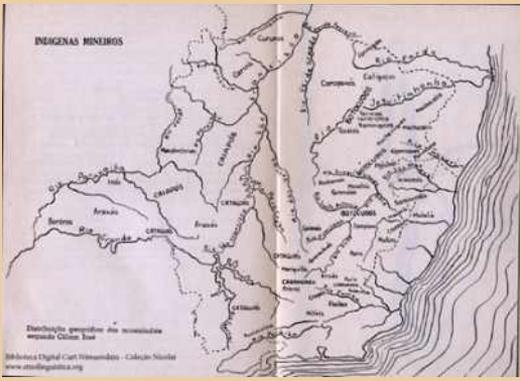
Vamos tomar como nosso primeiro recorte parte do texto oficial da história de Cristais, que chamaremos de R1.

R1
“[...]Fugindo à constante perseguição dos bandeirantes, os **índios Cataguases** se refugiaram **nesta região**, até que por volta de 1676, Lourenço Castanho Jacques, liquidou por completo aquela **feroz tribo indígena...**”

Nosso recorte 2 (R2) é um trecho do estudioso de línguas indígenas Teodoro Sampaio, que explica o nome cataguases como vocábulo cataguá que se compõe de caá-ata-guá.

R2
“[...]habitante do **mato bravo** ou se quiserem, da **mata virgem**” (SAMPAIO, 1987, p. 132)

Trouxemos para nosso recorte 3 (R3) um mapa que mostra a distribuição geográfica dos indígenas em Minas Gerais, segundo Oiliam José (1965). Como ele colocava os mineiríndios, nos mostrando quantas tribos indígenas passaram/passam por terras mineiras.



Fonte: José(1965)

E por fim, nosso recorte 4 (R4) é o depoimento do funcionário da Secretaria de Cultura de Cristais, Vítor Augustinho Costa, no documentário:

R4

“**Urna indígena**, encontrada no Morro da Meia Laranja.

Professor observe que nos recortes destacamos as palavras (designações) que usaremos nos DSDs. Você, juntamente com os alunos, podem encontrar essas designações e irem marcando.

DSD 1 – Descendência Indígena

urna indígena

└

__ habitante do[(mato bravo)__mata virgem]

(Cidade) Nesta região└ 1676└ índios Cataguases

__ feroz tribo indígena

Lê-se: Índios Cataguases determina 1676. 1676 determina (cidade) nesta região. Habitante do mato bravo pelo processo de reescrituração determina índios Cataguases. Habitante do mato bravo está em sinonímia com índios Cataguases. Feroz tribo indígena pelo processo de reescrituração determina índios Cataguases. Feroz tribo indígena está em sinonímia com índios Cataguases. Mata virgem pelo processo de reescritura determina habitante do mato bravo. Mata virgem está em sinonímia com mato bravo.

Ao se considerar a construção metodológica deste DSD1, nota-se que a palavra Cataguases determina índios pelo processo de articulação, ou seja, ela articula com índios definindo que índios eram esses. Quando temos índios Cataguases, abrimos a perspectiva para outros índios: Caiapós, Cariris, Carurus, Araxás, entre outros que habitaram/habitam terras mineiras. Percebemos que esse território mineiro já estava demarcado pelos indígenas. Cataguases nos remete a uma tribo com seu território, sua língua, seus costumes e crenças, se diferenciando de todas as demais tribos existentes na época. Cataguases enuncia uma demarcação de território, pois as tribos já demarcavam seus territórios com suas especificidades.

O sentido de habitante do mato bravo se forma pela transposição de índios Cataguases, considerada uma feroz tribo indígena. Feroz pelo

processo de reescrituração determina índio. O adjetivo feroz, nesta enunciação, nos mostra o indígena como bicho, pois esta é uma característica marcante nos animais. Ele era considerado como um ser da natureza, exótico, sem crenças religiosas, um animal bravo que precisava ser domado ou exterminado.

Mata virgem reescritura mato bravo. A palavra virgem pelo processo de articulação determina mata. Virgem no sentido de terra inexplorada, sem habitantes, sem demarcação de território. A demarcação tribo não era considerada, por isso bravo articula mato. Não sendo qualquer mato, mas mato bravo. O adjetivo bravo traz o índio como natural do lugar, como sendo parte deste mato cheio de árvores, bichos e índios. Mato bravo, mato difícil para ser habitado, conquistado, (re)marcado

Por elipse cidade traz a marca da ocupação europeia. Ocupação que se apresenta a história de apagamento da ocupação indígena. Ocupação que conforme enunciamos em índios Cataguases já existia. A ocupação europeia, no entanto, marca o acontecimento que enuncia a relação de civilização instituída pelo português (o explorador, conquistador, demarcador do território) com a não-civilização instituída pelo índio feroz (também explorador, conquistador, demarcador do território). Mostra uma demarcação que traz a instituição da cidadania. Cidade por articulação determina Cristais. Cristais por reescrituração remete a 1676, que antes dessa data era tão somente mata virgem.

O ano 1676 designa um memorável de extermínio indígena em terras cristalenses, por Lourenço Castanho Jacques. Era uma época que os desbravadores portugueses adentravam o território brasileiro e que os ferozes índios atrapalhavam bastante esta posse e ocupação. Os índios Cataguases, também conhecidos como Cataguás, eram considerados bons guerreiros e de difícil domínio, por isso vencê-los não era tarefa fácil. Habitante do mato bravo designa apenas mais um dentre os vários habitantes da natureza que não fazia diferença ser exterminado neste processo de fundação/ocupação dos municípios

Urna indígena determina Cataguases. Cataguases por articulação determina urna, pois era uma urna indígena usada pelos índios Cataguases. Cataguás designa o habitante do mato bravo. Por isso habitante do mato bravo estabelece uma relação de antonímia com civilização, pois ele representa o não civilizado, o pagão que não pertencia à instituição alguma, totalmente sem organização, tão somente de bichos.

Já a expressão urna indígena, citada pelo funcionário da secretaria da Cultura, nos traz um memorável de turismo, onde objetos e histórias que remetem às memórias indígenas se tornaram importantes para comprovar a existência dos Cataguases naquele lugar. Os índios Cataguases que, em 1676, enunciavam perigo e ferocidade, atualmente, enunciam admiração e encantamento por terem vividos em terras cristalenses.

O alocutor-funcionário da Secretaria Municipal de Cultura de Cristais (al-x), agencia enunciador coletivo, a história documentada, nos afirma a presença dos índios Cataguases em terras cristalenses, nos mostrando inclusive um objeto – a urna – que faz significar a presença desses índios em Cristais.

Observação: Aqui apresentamos somente um DSD sobre a descendência indígena, os demais DSDs sobre descendência negra, portuguesa e o imigrante se encontram na íntegra na dissertação: Nomes que Contam Histórias dos Municípios da Superintendência Regional de Ensino de Campo Belo – MG. Os textos separados anteriormente pelo Cristalzinho, foram para o trabalho todo, construção de todos os DSDs, mas para não ficar cansativo, apresentamos apenas o DSD e a discussão da descendência indígena.

Após as análises dos textos, inclusive do documentário, e construção dos DSDs, constatamos em Cristais a presença indígena, negra, portuguesa, italiana e sírio libanesa. E tudo isso, foi possível devido ao uso desta Metodologia de Ensino: Leitura da Cultura e História Local das Cidades Brasileiras, que tem como propósito desenvolver a capacidade leitora nos alunos, além de dar voz aos moradores do lugar e, assim conhecer e valorizar este saber popular.

Aqui disponibilizamos os links das oficinas realizadas na Superintendência Regional de Ensino de Campo Belo – MG, mostrando a aplicabilidade e a replicabilidade da Metodologia de Ensino: Leitura da Cultura e História Local das Cidades Brasileiras, mostrando sua eficácia no desenvolvimento da capacidade leitora do aluno e no estudo da cultura local, como forma de identificar que povos ali estiveram/estão e que culturas se instituíram/instituem nesse lugar.

Oficina 1: Apresentação geral da Metodologia de Ensino: Leitura da Cultura e História Local das Cidades Brasileiras

https://drive.google.com/file/d/15n7EAV9-f_zMK3WEntot51EaWuCrWSu-/view?usp=sharing

Oficina 2: Utilização da Metodologia de Ensino: Leitura da Cultura e História Local das Cidades Brasileiras na sala de aula.

<https://drive.google.com/file/d/1hyjiSmvh0DagHBAPB3uyYuPIbPk-yLXq/view?usp=sharing>

Oficina 3: Utilização da Metodologia de Ensino: Leitura da Cultura e História Local das Cidades Brasileiras de aula.

<https://drive.google.com/file/d/15siCZpG8TfweQ7aTT8eXoecQ7TaieZyZ/view?usp=sharing>

Oficina 4: Apresentação dos trabalhos desenvolvidos pelos professores após utilizarem a Metodologia de Ensino: Leitura da Cultura e História Local das Cidades Brasileiras.

https://drive.google.com/file/d/1mY02Y-W7xz459uyOYeFQjtGvh0XBtF_q/view?usp=sharing

Nossos agradecimentos a todos os professores, alunos e profissionais da educação da Superintendência Regional de Ensino de Campo Belo – MG pela participação nas oficinas e que tornaram possível a aplicação deste produto educacional: Metodologia de Ensino: Leitura da Cultura e História Local das Cidades Brasileiras. E de forma especial à superintendente desta regional: Lúcia Helena Miranda Bastos, que nos abriu as portas para a realização dessas oficinas, abraçando nosso projeto e transformando nossas realidades em possibilidades! Gratidão é a palavra!



E aí gostaram da história de fundação/ocupação da minha cidade? Sou uma mistura de índios, negros, portugueses, italianos e sírios-libanes, ou seja, povos que aqui estiveram/estão e culturas que aqui se instituíram e se instituem até hoje. Posso dizer que amo minha cidade com todas suas descendências!

Que tal você buscar conhecer um pouco mais da sua cidade, também? Este trabalho de detetive pela história não contada de seu município irá encantá-lo(a)!

Professor aqui terminou nosso estudo sobre que povos estiveram/estão e que culturas se instituíram/instituem em Cristais – MG, usando como ferramenta a Metodologia de Ensino: Leitura da História e Cultura Local das Cidades Brasileiras. Assim, você poderá fazer este processo didático na sua própria cidade ou escolhendo outras cidades para esta busca ativa de conhecimentos culturais.

Sucesso para você nesta jornada!!!

REFERÊNCIAS:

BRASIL. Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular. Ministério da Educação e Cultura, 2018. Disponível em:

<<http://basenacionalcomum.mec.gov.br/#:~:text=A%20Base%20Nacional%20Comum%20Curricular,e%20modalidades%20da%20Educa%C3%A7%C3%A3o%20B%C3%A1sica.>> Acesso em 08 de ago. de 2020.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. Parâmetros Curriculares Nacionais. Pluralidade Cultural / Secretaria de Educação Fundamental. – Brasília: MEC/SEF, 1998.

DOCUMENTÁRIO, CONHEÇA A HISTÓRIA DE CRISTAIS, Luciana Teixeira de Souza, Google Drive, 20 nov. 2021, de duração de 28m50s. Disponível em:

<https://drive.google.com/file/d/1I0ndsjDIKqPYH1efFzVnmP5AvUQ-4CsQ/view?usp=sharing>

GUIMARÃES, Eduardo; MOLLICA, Maria Cecília. A palavra: forma e sentido. Campinas: Editora RG, 2007.

GUIMARÃES, Eduardo. Semântica: Enunciação e Sentido. Campinas, SP: Pontes Editores, 2018.

JOSÈ, Oiliam. Indígenas de Minas Gerais: Aspectos sociais, políticos e etnológicos. Belo Horizonte, 1965.

PISA, (Programa Internacional de Avaliação de Alunos). Disponível em: < OLIVEIRA, Elida; MORENO, Ana Carolina. Brasil está estagnado há dez anos no nível básico de leitura e compreensão de textos, aponta Pisa 2018. Disponível em:

< <https://g1.globo.com/educacao/noticia/2019/12/03/brasil-esta-estagnado-ha-dez-anos-no-nivel-basico-de-leitura-e-compreensao-de-textos-aponta-pisa-2018.ghtml> > Acesso em 22 out. 2020.

PREFEITURA. Prefeitura Municipal de Cristais. Disponível em:

< <https://www.cristais.mg.gov.br/portal/servicos/1005/historia-do-municipio/> > Acesso em 05 de nov. de 2020.

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS (ONU). Declaração Universal dos Direitos Humanos. 1948. Disponível em:

<https://www.ohchr.org/en/udhr/documents/udhr_translations/por.pdf > Acesso em 11 nov. 2022

SAMPAIO, Teodoro. O tupi na Geografia Nacional. 5ª edição. São Paulo: Editora Nacional: Brasília, 1987. PDF: Disponível em:

< <https://bdor.sibi.ufrj.br/bitstream/doc/429/1/380%20PDF%20-%20OCR%20-%20RED.pdf> >





ANEXO I: FICHA DE AVALIAÇÃO DE PRODUTO TÉCNICO/TECNOLÓGICO

IES: Universidade Vale do Rio Verde - UninCor
Discente: Luciana Teixeira de Souza
Título da Dissertação/Tese: Nomes que Contam Histórias dos Municípios da Superintendência Regional de Ensino de Campo Belo - MG
Título do Produto Técnico/Tecnológico: Metodologia de Ensino: Leitura da História e Cultura Local das Cidades Brasileiras.
Orientador: Pro^a Dra. Jocysre Cristina Pereira de Souza
Coorientador (se houver): _____

FICHA DE VALIDAÇÃO DE PRODUTO/PROCESSO EDUCACIONAL (PTT)

Critério 1 - Ter URL própria

DIMENSÕES AVALIADAS	CRITÉRIOS DO QUALIS EDU	NOTAS POSSÍVEIS	NOTA MÁXIMA	NOTA FINAL DO PTT	
Complexidade - compreende-se como uma propriedade do PE relacionada às etapas de elaboração, desenvolvimento e/ou validação do Produto Educacional. *Mais de um item pode ser marcado.	(x) O PE é concebido a partir da observação e/ou da prática do profissional e está atrelado à questão de pesquisa da dissertação ou tese. (x) A metodologia apresenta clara e objetivamente a forma de aplicação e análise do PE. (x) Há uma reflexão sobre o PE com base nos referenciais teóricos e teórico-metodológicos empregados na respectiva dissertação ou tese. (x) Há apontamentos sobre os limites de utilização do PE.	DESENVOLVIMENTO 1: baixa complexidade (apenas 1 item marcado pela banca de defesa); 2 pontos: média complexidade (apenas 2 itens marcados pela banca de defesa); 3 pontos: alta complexidade (3 ou mais itens marcados pela banca de defesa)	1, 2 ou 3	3	7
	Registro: O produto possui registro para acesso público?	REGISTRO 0 pontos: sem registro; 2 pontos: com registro em sistema de informações em âmbito nacional ou internacional. Exemplos: Creative Commons, ISBN, ISSN, ANCINE, Registro de software,	0, 1, 2 ou 4	4	2

UNIVERSIDADE VALE DO RIO VERDE
Três Corações: Av. Castelo Branco, 82 - Chácara das Rosas - Três Corações/MG / CEP: 37417-150 - (35) 3239-1000
Belo Horizonte: Av. Amazonas, 3.200 - Prádo - Belo Horizonte/MG / CEP: 30411-188 - (31) 3094-6333
Betim: Rua Santa Cruz, 750 - Centro - Betim/MG / CEP: 32600-028 - (31) 3514-2500
Caxambu: Rua Dr. Viotti, 134 - Centro - Caxambu/MG / CEP: 37440-000 - (35) 3341-3288
Pará de Minas: R. José Bahia Caparema, 440 - João Paulo II - Pará de Minas/MG / CEP: 35661-060 - (37) 3232-2089



		Registro de Domínio, Certificado de Registro Autoral, Registro ou Averbização na Biblioteca Nacional, registros de patentes e marcas submetidos ao INPI, outros.			
Impacto - considera-se a forma como o PE foi utilizado e/ou aplicado nos sistemas educacionais, culturais, de saúde ou CT&I. É importante destacar se a demanda foi espontânea ou contratada.	() Protótipo/Piloto não utilizado no sistema relacionado à prática profissional do discente. (x) Protótipo/Piloto com aplicação no sistema Educacional no Sistema relacionado à prática profissional do discente.	UTILIZAÇÃO/APLICAÇÃO NO SISTEMA (educação/ saúde/cultura/ CT&I) 0 pontos: quando não utilizado (protótipo, por exemplo); 3 pontos: com aplicação no sistema local, municipal, estadual, nacional ou internacional.	0 ou 3	3	3
Aplicabilidade - relaciona-se ao potencial de facilidade de acesso e compartilhamento que o PTT possui, para que seja acessado e utilizado de forma integral e/ou parcial em diferentes sistemas.	() PE tem características de aplicabilidade a partir de protótipo/piloto, mas não foi aplicado durante a pesquisa. (x) PE tem características de aplicabilidade a partir de protótipo/piloto e foi aplicado durante a pesquisa, exigível para o doutorado. (x) PE foi aplicado em diferentes ambientes/momentos e tem potencial de replicabilidade face à possibilidade de acesso e descrição.	APLICABILIDADE 1 ponto: aplicável; 3 pontos: aplicável e aplicado; 5 pontos: aplicável, aplicado e replicável	1, 3 ou 5	5	5
Acesso - relaciona-se à forma de acesso do PTT.	() PE sem acesso. () PE com acesso via rede fechada. () PE com acesso público e gratuito. (x) PE com acesso público e gratuito pela página do Programa. (x) PE com acesso por Repositório institucional - nacional ou internacional - com acesso público e gratuito.	ACESSO 0 pontos: sem acesso; 1 ponto: acesso via rede fechada; 3 pontos: acesso por Portal nacional ou internacional, Youtube, Vimeo e outros com acesso público e gratuito; 4 pontos: acesso pela página do programa com acesso público e gratuito; 6 pontos: acesso em repositório institucional,	0, 1, 3, 4 ou 6	6	6

UNIVERSIDADE VALE DO RIO VERDE
Três Corações: Av. Castelo Branco, 82 - Chácara das Rosas - Três Corações/MG / CEP: 37417-150 - (35) 3239-1000
Belo Horizonte: Av. Amazonas, 3.200 - Prádo - Belo Horizonte/MG / CEP: 30411-188 - (31) 3094-6333
Betim: Rua Santa Cruz, 750 - Centro - Betim/MG / CEP: 32600-028 - (31) 3514-2500
Caxambu: Rua Dr. Viotti, 134 - Centro - Caxambu/MG / CEP: 37440-000 - (35) 3341-3288
Pará de Minas: R. José Bahia Caparema, 440 - João Paulo II - Pará de Minas/MG / CEP: 35661-060 - (37) 3232-2089



		nacional ou internacional, com acesso público e gratuito (ex. Educapes)			
Aderência - compreende-se como a origem do PTT apresenta origens nas atividades oriundas das linhas e projetos de pesquisa do PPG em avaliação.	() Sem clara aderência às linhas de pesquisa ou projetos de pesquisa do PPG stricto sensu ao qual está filiado. (x) Com clara aderência às linhas de pesquisa ou projetos de pesquisa do PPG stricto sensu ao qual está filiado.	ADERÊNCIA 0 pontos = sem aderência às linhas e projetos de pesquisa do programa stricto sensu; 2 pontos = com aderência às linhas e projetos de pesquisa do programa stricto sensu	0 ou 2	2	2
Inovação - considera-se que o PTT é/foi criado a partir de algo novo ou da reflexão e modificação de algo já existente revestido de forma inovadora e original.	(x) PE de alto teor inovador desenvolvimento com base em conhecimento inédito. () PE com médio teor inovador (combinação e/ou compilação de conhecimentos pré-estabelecidos). () PE com baixo teor inovador (adaptação de conhecimento(s) existente(s)).	INOVAÇÃO 1 ponto: baixo teor inovador; 3 pontos: médio teor inovador; 5 pontos: alto teor inovador	1, 3 ou 5	5	5

Pontuação total do PTT (0-30 pontos) _____ 30 _____

Extratos e tabela de conversão

Edu1	200	27 - 30	Avaliação de PTT - Edu
Edu2	120	23 - 26	
Edu3	80	15 - 22	
Edu4	40	5 - 14	
Edu5	10	1 - 4	
EduNC	----	----	

Breve relato sobre a abrangência e/ou a replicabilidade do PE)
A Metodologia de Ensino: Leitura da História e Cultura Local das Cidades Brasileiras é um produto educacional apropriado para desenvolver a capacidade leitora nos alunos, sendo também uma metodologia adequada para o estudo da história/cultura local como forma de entender que povos ali estiveram e que ali estão

UNIVERSIDADE VALE DO RIO VERDE
Três Corações: Av. Castelo Branco, 82 - Chácara das Rosas - Três Corações/MG / CEP: 37417-150 - (35) 3239-1000
Belo Horizonte: Av. Amazonas, 3.200 - Prádo - Belo Horizonte/MG / CEP: 30411-188 - (31) 3094-6333
Betim: Rua Santa Cruz, 750 - Centro - Betim/MG / CEP: 32600-028 - (31) 3514-2500
Caxambu: Rua Dr. Viotti, 134 - Centro - Caxambu/MG / CEP: 37440-000 - (35) 3341-3288
Pará de Minas: R. José Bahia Caparema, 440 - João Paulo II - Pará de Minas/MG / CEP: 35661-060 - (37) 3232-2089



e que culturas se instituíram e se instituem em determinada cidade. É um produto que pode ser aplicado aos professores e estes podem replicar nos seus alunos, seguindo o passo a passo contido na cartilha.

Assinatura dos membros da banca:

Presidente da banca: Profa. Dra. Jocysre Cristina Pereira de Souza

Membros internos: Prof. Dr. Taisir Mahmud Karim

Membros externos: Profa. Dra. Márcia Fonseca de Amorim

Data da defesa: 13/12/2021

UNIVERSIDADE VALE DO RIO VERDE
Três Corações: Av. Castelo Branco, 82 - Chácara das Rosas - Três Corações/MG / CEP: 37417-150 - (35) 3239-1000
Belo Horizonte: Av. Amazonas, 3.200 - Prádo - Belo Horizonte/MG / CEP: 30411-188 - (31) 3094-6333
Betim: Rua Santa Cruz, 750 - Centro - Betim/MG / CEP: 32600-028 - (31) 3514-2500
Caxambu: Rua Dr. Viotti, 134 - Centro - Caxambu/MG / CEP: 37440-000 - (35) 3341-3288
Pará de Minas: R. José Bahia Caparema, 440 - João Paulo II - Pará de Minas/MG / CEP: 35661-060 - (37) 3232-2089



FICHA DE VALIDAÇÃO DE PRODUTO EDUCACIONAL

IDENTIFICAÇÃO DO PTT

Dados básicos

Nome do(a) Mestrando(a): Luciana Teixeira de Souza
Título do Produto Técnico/Tecnológico (PTT): Metodologia de Ensino: Leitura da História e Cultura Local das Cidades Brasileiras.
Título da Dissertação: Nomes que Contam Histórias dos Municípios da Superintendência Regional de Ensino de Campo Belo - MG
Data da banca: 13/12/2021
Possui autorização do Comitê de ética (CEP)? (x) Sim () Não

Público destinado

- (x) Professores da educação básica
() Estudantes do ensino fundamental
() Estudantes do ensino médio
() Gestores escolares
() Gestores municipais de educação

Tipo de produto educacional

- () Sequência didática
() Material didático
() Vídeos
() Páginas na internet
() Jogos pedagógicos digitais
() Processos de gestão escolar
() Processos de gestão de pessoas nas escolas
() Projetos de gestão para a escola e/ou para escola/comunidade
(x) Outros - Descrever: Metodologia de Ensino: Leitura da História e Cultura Local das Cidades Brasileiras, que traz como artefato um documentário e sendo passada aos professores por uma cartilha no formato digital e impresso.

Possui URL?

- () Sim (x) Não

Se sim, qual:

Vincula-se à temática da dissertação?

- (x) Sim () Não

Vincula-se ao projeto de pesquisa e à linha de pesquisa?

- (x) Sim () Não

Elementos constitutivos do PTT

- a. Possui sumário? (x) Sim () Não
b. Possui orientações ao professor? (x) Sim () Não
c. Possui orientações ao estudante? () Sim (x) Não
d. Possui objetivos/finalidades claros? (x) Sim () Não
e. Possui metodologia específica do PTT? (x) Sim () Não

UNIVERSIDADE VALE DO RIO VERDE

Três Corações: Av. Castelo Branco, 82 - Chácara das Rosas - Três Corações/MG / CEP: 37417-150 - (35) 3239-1000
Belo Horizonte: Av. Amazonas, 3.200 - Prado - Belo Horizonte/MG / CEP: 30411-186 - (31) 3064-6333
Betim: Rua Santa Cruz, 750 - Centro - Betim/MG / CEP: 32600-028 - (31) 3514-2500
Caxambu: Rua Dr. Viotti, 134 - Centro - Caxambu/MG / CEP: 37440-000 - (35) 3341-3288
Pará de Minas: R. José Bahia Capanema, 440 - João Paulo II - Pará de Minas/MG / CEP: 35661-060 - (37) 3232-2089



f. Possui referências? (x) Sim () Não

g. Possui layout adequado à solução do problema da dissertação? (x) Sim () Não

h. Possui ilustrações adequadas? (x) Sim () Não

Aplicação do PTT

a. Foi aplicado? (x) Sim () Não

Se sim, onde? Nos professores da Superintendência Regional de Ensino de Campo Belo - MG e estes replicaram o produto na sua escola, envolvendo alunos e comunidade escolar.

b. Pode ser aplicado em outros contextos de ensino? (x) Sim () Não

c. O produto foi aplicado em que condição?

Foi aplicado no formato de oficinas remotas pela plataforma do Google Meet, devido ao tempo pandêmico da Covid 19, que estamos vivendo.

d. A aplicação do produto envolveu:

- (x) Alunos do ensino fundamental
(x) Alunos do ensino médio
(x) Professores do ensino básico
(x) Professores do ensino superior
(..x..) Diretores de escola
(..x..) Coordenadores pedagógicos
(..x..) Outros membros da comunidade escolar
(..x..) Gestão escolar municipal

MEMBROS DA BANCA

Presidente: Prof. Dra. Jocyare Cristina Pereira de Souza - UninCor

Membro 01: Prof. Dr. Taisir Mahumudo Karim - UNEMAT

Membro 02: Prof. Dra. Márcia Fonseca de Amorim - UFLA

O produto educacional foi considerado:

- () Aprovado
() Aprovado com modificações
() Reprovado

Nota atribuída pela banca ao PTT*: 30,00

Classificação do PTT no Qualis Edu Qualis Edu 1

*Atribuição da nota, vide ficha em anexo neste mesmo documento.

Três Corações, 13 de dezembro de 2021

Presidente

Prof. Dra. Jocyare Cristina Pereira de Souza

Membro da banca

Prof. Dr. Taisir Mahumudo Karim

Membro da banca

Prof. Dra. Márcia Fonseca de Amorim

UNIVERSIDADE VALE DO RIO VERDE

Três Corações: Av. Castelo Branco, 82 - Chácara das Rosas - Três Corações/MG / CEP: 37417-150 - (35) 3239-1000
Belo Horizonte: Av. Amazonas, 3.200 - Prado - Belo Horizonte/MG / CEP: 30411-186 - (31) 3064-6333
Betim: Rua Santa Cruz, 750 - Centro - Betim/MG / CEP: 32600-028 - (31) 3514-2500
Caxambu: Rua Dr. Viotti, 134 - Centro - Caxambu/MG / CEP: 37440-000 - (35) 3341-3288
Pará de Minas: R. José Bahia Capanema, 440 - João Paulo II - Pará de Minas/MG / CEP: 35661-060 - (37) 3232-2089